

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O dom da Palavra

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

PEDRINHO e Paulo eram dois irmãozinhos deveras inteligentes. Mas quanto Pedrinho era activo e caprichoso, o pequeno Paulo era preguiçoso e nada diligente. O pai, pessoa inteligentíssima e dotada de uma grande tenacidade, desejoso de tornar seus filhos, quando homemzinhos, valiosos para si próprios, para os seus e para a Pátria, pôs-se a estudar a maneira, mais prática, de os preparar para a vida, procurando desenvolver-lhes os recursos das suas inteligências e das suas qualidades morais. Com esta nobre intenção, chamou, certo dia, os seus dois filhinhos, cujo exame de admissão ao liceu haviam concluído com boas notas e, entre vários conselhos que bem demonstravam o grande amor que lhes tinha, disse-lhes assim: — «Meus filhos, graças a Deus, sois ambos inteligentes. Mas a inteligência, só por si, não basta para triunfar na vida. É necessário que, a este belo dote do espírito, se aliem outras faculdades de acção e desembaraço. Assim como para se desenvolver o físico, tornando-o musculoso e forte, é necessária a ginástica corporal, também para se desenvolver o espírito, tornando-o vigoroso e dextro, é necessária a ginástica mental. Ora os meus filhos vão principiar essa ginástica do espírito...

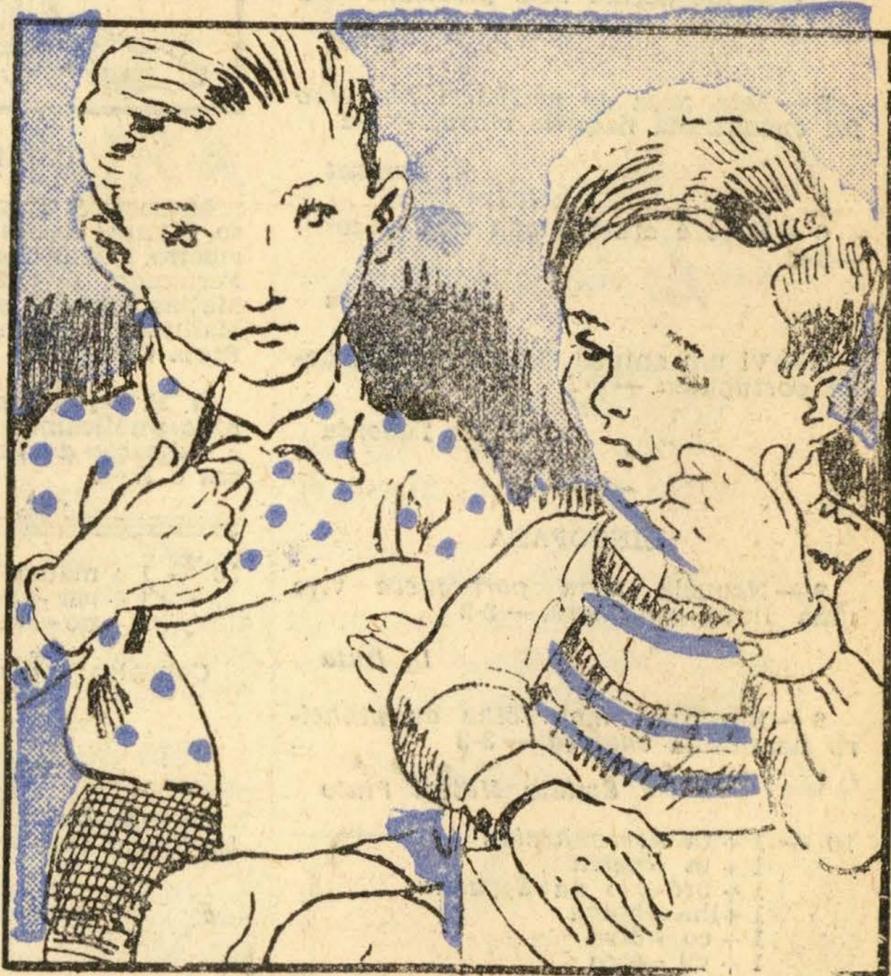
— «E como é que ela se faz, paizinho? — perguntou Pedro, já entusiasmado, enquanto Paulo, dotado de menos curiosidade intelectual, ouvia o pai atentamente, mas receoso do esforço que teria de empregar para isso.

— «Vencendo a preguiça cerebral, estimulando as faculdades mentais e robustecendo a memória por meio de exercícios cotidianos.

Avivando a inteligência e desenvolvendo a força da vontade; numa palavra: — enraizando a Fé no coração, criando a confiança em nós próprios. A Fé remove montanhas — diz a Bíblia. O dom da palavra é uma das mais belas manifestações das almas iluminadas pela Fé. O poder de sugestão que da palavra dimana, é um dos principais factores para triunfar na Vida. Portanto, eu vou tentar desenvolver, em vocês ambos, esse prodigioso dom da palavra. É, contudo, necessário que se disponham a cultivá-lo com entusiasmo, com alegria, com gosto e com tenacidade. Todos os dias, a uma certa hora, vos darei um tema, vos proporei um assunto de conversa, que comigo discutireis ou sobre o qual fareis uma pequena exposição.

— «Vamos principiar já, paizinho. Deve ser engraçado!» — exclamou Pedro, cuja vivacidade de espírito se reflectia no olhar.

— «É melhor amanhã para nos prepararmos devida-



mente» — tartamudeou Paulo, num ar bonacheirão e indolente.

«Hoje, hoje, paizinho, — insistiu Pedro, acrescentando a rir e a bater palminhas: — Proponha o assunto que eu me disponho já a argumentar consigo.

— «Deixa-me, então, pensar um momento. Como é o primeiro exercício que ides fazer, terá de ser simples o tema.»

E após um breve momento de concentração, exclamou sorridente. — «Já sei! O que é preferível ser: — bonito e mau, ou feio e bom? — (E aguardando, propositadamente, a resposta de Pedro, para se colocar no campo oposto, o pai, vendo-o hesitante, exclamou:) — Vamos, então?... Que te parece melhor?»

— «É ser bonito e mau!» — respondeu Pedro que, tendo já a noção da Beleza, por intuição, ainda não tinha a noção exacta da maldade.

(Continua na página 4)

Hora de Recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC
 CHARADAS N.º 9 PALAVRAS CRUZADAS

NOVISSIMAS

Decifração do n.º 4

PROBLEMA N.º 7

1— Que «instrumento» me apareceu aqui no pacote! — 1-1

haca Ariévil

2— «Nota» que não digo a verdade porque estou esfomeado. — 1-2

faminto Béu

SINCOPADAS

(Em verso)

3— Fiquei atemorizado — 3
 Quando fui para a prisão
 Mas depois de ser julgado — 2
 Voltou-me a disposição.

Barba Azul

4— Numa palhota africana
 Situada num valado
 Apanhei tamanha sova
 Que me deixou bem prostrado — 3-2

Bébé

5— Esta peça de vestuário feminino foi encontrada naquêl curral. — 3-2

A. Seravat

6— Você é cruel e não tem juízo!... — 3-2

tu no Bel & Zeca

7— Vi um animal tão meigo na cidade portuguesa. — 3-2

Crisante Taborda

SINCOPADA

8— Naquela terra portuguesa vive uma linda «mulher». — 2-3

D. Rufa

9— Encontrei uma fôlha de pinheiro na minha enxérga. — 3-2

Caruma Emídio Matias Pinto

10 — 1 + ta = reconhecida
 1 + ta = narra
 1 + bro = rio da Espanha
 1 + lha = bôlha
 1 + co = alvo
 1 + vil = toca

Conceito: Poetisa portuguesa

António Freire

11 — 1 + da = «tecido»
 1 + me = cimo
 1 + bo = animal feroz

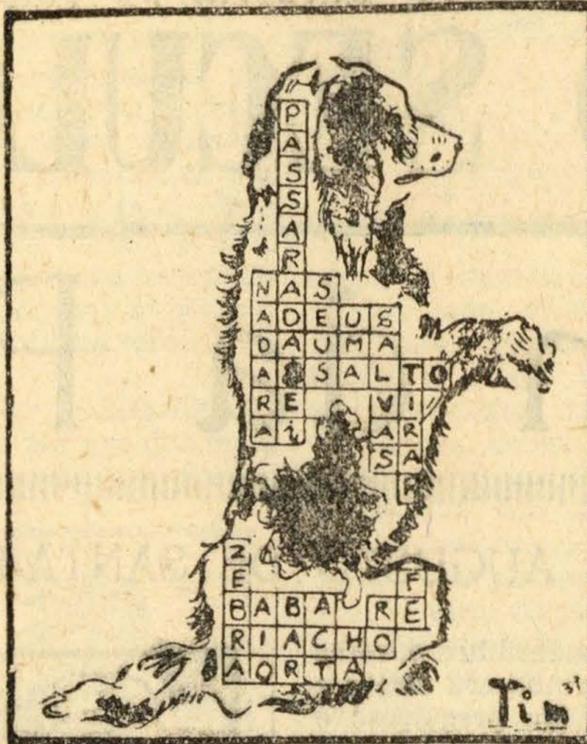
Conceito: Espaço de tempo

Cardo

12 — 1 + pite = fé
 1 + na = cavidade
 1 + to = «mamífero»
 1 + tão = apoio
 1 + tar = queimar

Conceito: Uma grande actriz

Chalet d'Ossos



DECIFRADORES

Manecas & Tonecas, Jorge Pereira, Celso, Manuel Aguincha, Lêquitas, Oliveira-ribeiro, Dário dos Santos Frazão, Zé, Zé Fernando, Rás Pardal, Mizita, Emídio Matias Pinto, Renato B. Paulo, Luciano Malheiro, António Freire, Almerinda Praia Carvalho.

N. B. — Por lapso, o problema de que hoje publicamos a decifração, saiu com a indicação de ser o N.º 3 quando, afinal, era o N.º 4.

13 — 1 + mamar = vila portuguesa
 1 + gar = gracejar
 1 + no = senhor

Conceito: Nome de homem

Celso

SALTITANTE

14 — Estou farto de trilhar as ruas desta cidade europeia.

12345
 14523

Chiribibi

EM TRIANGULO

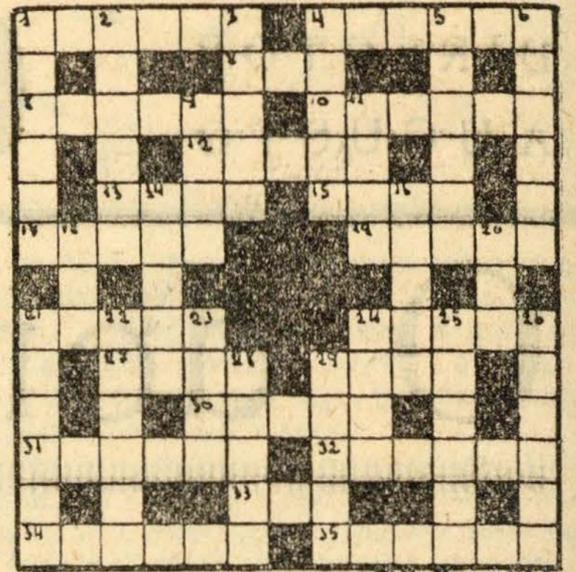
15 — Esta «flôr» que ninguém quer *****
 Casa-se bem ao meu rôsto, *****
 Ao rôsto duma mulher; *****
 mas mais saia a meu gôsto *****
 Se mudasse em malmequer *****

Dália de Jesus

ENIGMA PITORESCO



Renato R. Paulo



DA TABORDA

Aos totalistas, como apresentação

Horizontais: Boato falso; 4—Peixe sêco e salgado; 7—Miadela; 8—Dezena; 10—Espécie de vaso farmacêutico; 12—Ter tonturas de cabeça; 13—Erva doce; 15—Giro; 17—Pâteos; 19—Furtar nas compras; 21—Espécie de vinho; 24—Amigos; 27—Poeta; 29—Aponta; 30—Arbusto anonaceo do Brasil; 31—Bata; 32—Espreitam; 33—Prefixo que significa sobre, depois; 34—Peixes do rio Quanza; 35—Queimado.

Verticais: 1—O velha velha e magra; 2—Latino; 3—Desejais; 4—Enganar; 5—Empadas; 6—Reprimir; 9—Segundo; 11—Anéis; 14—Militar nobre, entre os índios do Malabar; 16—Mulheres formosas; 18—Grande árvore rosácea; 20—Pedaço quadrado de tela; 21—Espécie de pano antigo que vinha da Índia; 22—Palmeira da Índia; 23—Demora; 24—Gritas; 25—Rama do nabo que ainda não atingiu o desenvolvimento completo; 26—Predica; 28—Instrumentos musicais de sôpro; 29—Atalho que segue a crista duma serra.

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a: Américo Taborda—«Pim-Pam-Pum»—Rua do «Século», 63 — LISBOA.

BREVEMENTE:

NOCÕES

DE

CHARADISMO

ESPERTEZA INFANTIL

P O R M A R I O S . G I L

Milú, assim se chamava
Uma engraçada pequena;
Quando com o avô brincava
Era inquieta e não serena:

— Saltava-lhe p'r'ós joelhos,
Fazia mil diabruras;
Dizia-lhe até que os velhos
Eram feias criaturas!

E depois, do avô, o rôsto,
Com os dedos percorria...
Indícios de algum desgosto
Eram as rugas que via.

Ou então a cabeleira,
Farta e bela como arminho,
Numa carícia ligeira,
Que puxava de mansinho!



Em resumo: — Era traquinas,
A Milú tão engraçada,
As coisas mais pequeninas
A deixavam intrigada!

Qu'ria as razões conhecer,
De qualquer coisa existente,
E tinham que lh'as dizer
Por ser quási impertinente! —

Ora, um dia, entre os mais dias,
Sucedeu ouvir dizer
Que o avô era qual Bias,
Também um sábio, a valer...

E perguntar-lhe foi logo
Se acaso isto era verdade...
Só no fim de largo rôgo,
O avô lhe diz com maldade:

— «Pois sou. Já que assim o que-
res...»

«E tu és sábia também;
É's como aquelas mulheres
que conhecem tudo e bem?!»

— «Pois, decerto, eu também sou,
(A linda Milú exclama)
Sei inda mais que o avô
A-pesar-de não ter fama!»

— «Dize-me, então, dize, sim:
Que tenho eu nesta algibeira?»
— «São bolinhos para mim...
Ora deixar vêr-mos queira...?»

(Continua na página 7)



O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS
POR ABELHA MESTRA

Abelhinhas

Interrompe, hoje, a publicação do enxoval da boneca, para atender o pedido «dum tigre engraçado»...

Não sei, Carmen, que destino lhe queres dar, porque não mandas dizer, mas não só podes aplicá-lo num guardanapo de bebé, num bibe, ou em muitas e variadas coisas, como podes com ele fazer uma interessante capa para um livro de histórias.

Esta capa é completamente solta.

Arranjas um bocado de linho branco, do tamanho do livro a forrar e com o próprio livro, marcas bem o seu tamanho.

Na parte superior bordas este tigre janota, a ponto pé de flôr e na côr que mais te agradar.

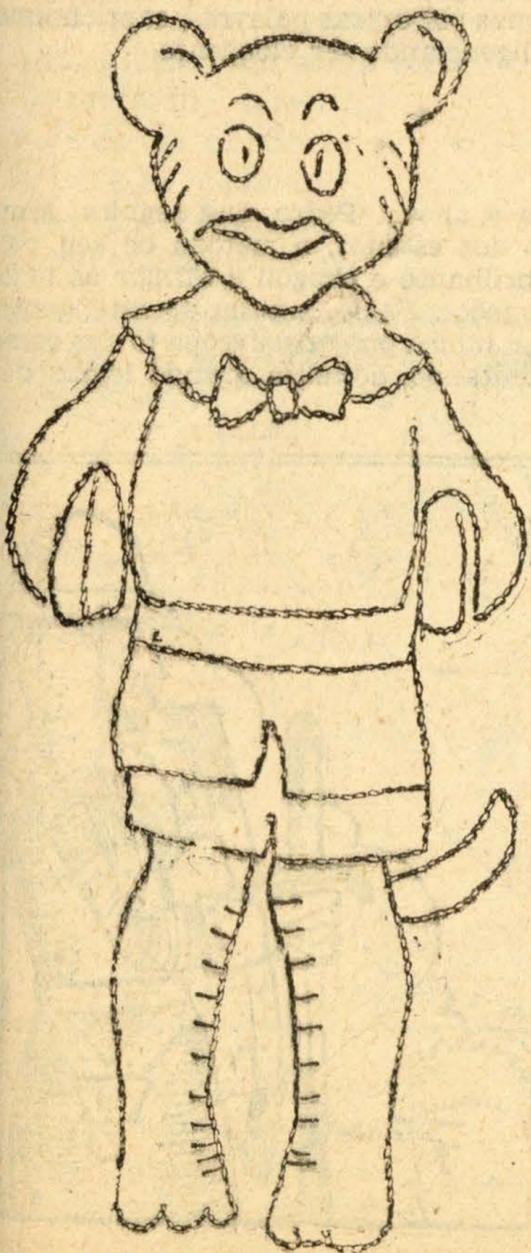
Depois, escreves com a tua própria mão o nome do livro (isso dá-lhe muito mais graça) e colocas esse desenho num canto ou em baixo, como melhor ficar.

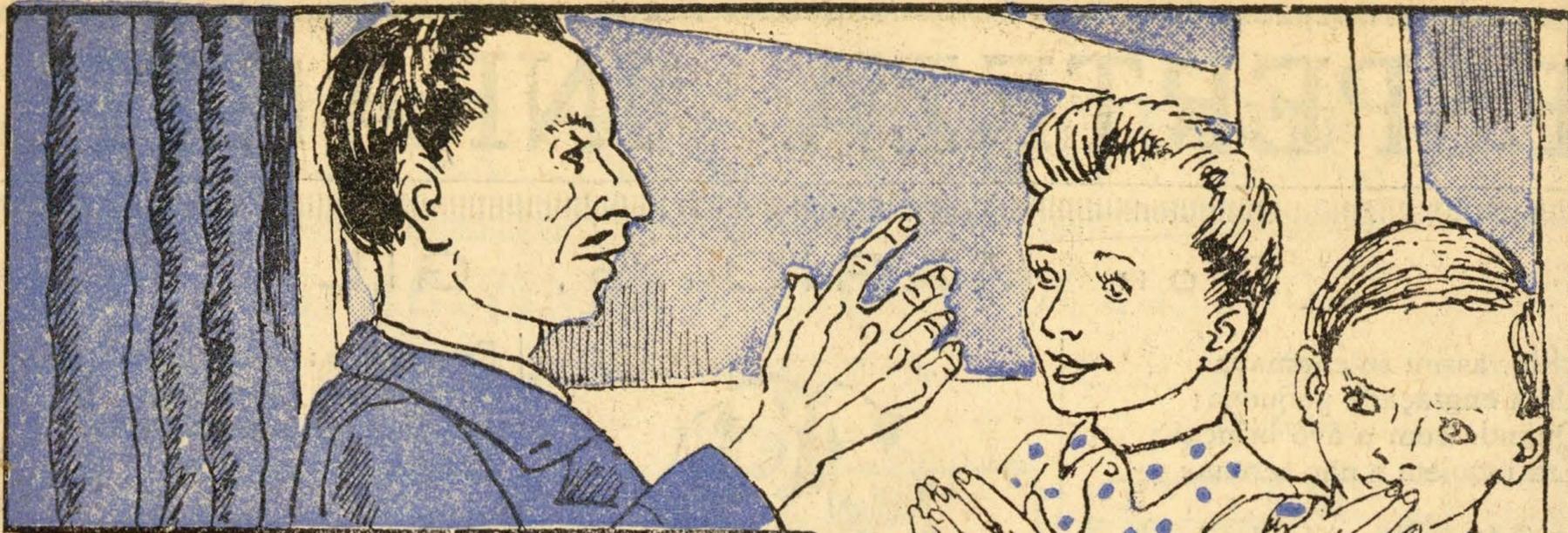
As letras bordas a preto.

Feito o bordado, forras a capa com um tecido fino e pões-lhe em cada canto, por dentro, uma tirinha atravessada, prêsa sômente nas extremidades, que é onde a verdadeira capa há-de ficar prêsa.

Espero fiquem todas muito satisfeitas com a ideia de vossa amiguinha

Abelha Mestra





O dom da Palavra (Continuado da página 1)

— «Porque razão dizes isso?» — tornou o Pai, provocando o seu infantil raciocínio.

— «Porque a beleza física torna as pessoas mais atraentes e a maldade não se vê;» — rematou, ingenuamente, o pequenino Pedro.

— «Pois eu sou de opinião contrária, (volveu o pai, contrapondo à catadupa dos infantis argumentos o seu pon-



numa expressão levemente irónica, para balbuciar apenas: — «Eu acho que o melhor é ser bonito e bom!»

— «Olha que novidade!... Toma lá cinco reis!...» ripostou Pedro, acabando por confessar ao pai que se considerava vencido pelo seu derradeiro argumento.

— «Então, amanhã, repetirão tudo o que eu vos disse a favor da beleza do espírito, que é a Bondade. E agora vão fazer a ginástica do corpo, brincando, saltando e correndo à vontade.»



derado parecer, acrescentando:) — e vou dizer-te porquê. Porque a beleza física é transitória, fugaz, extingue-se, quasi completamente, ao chegar a velhice e a Bondade perdura até à morte e ainda para além desta, no Céu!»

Paulo que tudo ouvira calado, abriu, por fim, a boquilha,

No dia seguinte, à mesma hora, em palavras simples mas briosas, Pedro, ao contrário de Paulo que se esquivara, habilidosamente, fingindo doer-lhe a cabeça, repetia os argumentos do pai mas por outras palavras, caprichando na sua exposição e diligenciando ser eloquente.

ecorreram meses e anos... Pedro, que seguira, sempre, durante o tempo dos estudos, o método de seu pai, tornou-se um orador brilhante e chegou a atingir as mais altas e invejáveis situações. Paulo, a-pesar-de inteligente, devido à sua indolência, nunca passou da «cêpa torta» como é costume dizer, aumentando, assim, a grande legião das criaturas anónimas.

D. AFONSO HENRIQUES

Por JOSINO AMADO

Filho de Henrique e Teresa,
Com minha espada, tão bela,
Fiz a Pátria Portuguesa
Dum condado de Castela.

Em Cerneja e Val-de-Vez
Comprovei com valentia,
Que o bom povo português
A liberdade queria.

Em Ourique, num fossado,
Venço o mouro com violência,

Em Zamora, num tratado,
Firmo, enfim, a independência!

Santarém, Lisboa, Almada,
Castelos, pingues terrenos,
O meu povo e a minha espada
Conquistam aos sarracenos.

Sem o meu amor profundo,
Sem o meu génio imortal,
Não iluminava o mundo
Num novo Sol: — Portugal!



As Três Perguntas sem Resposta

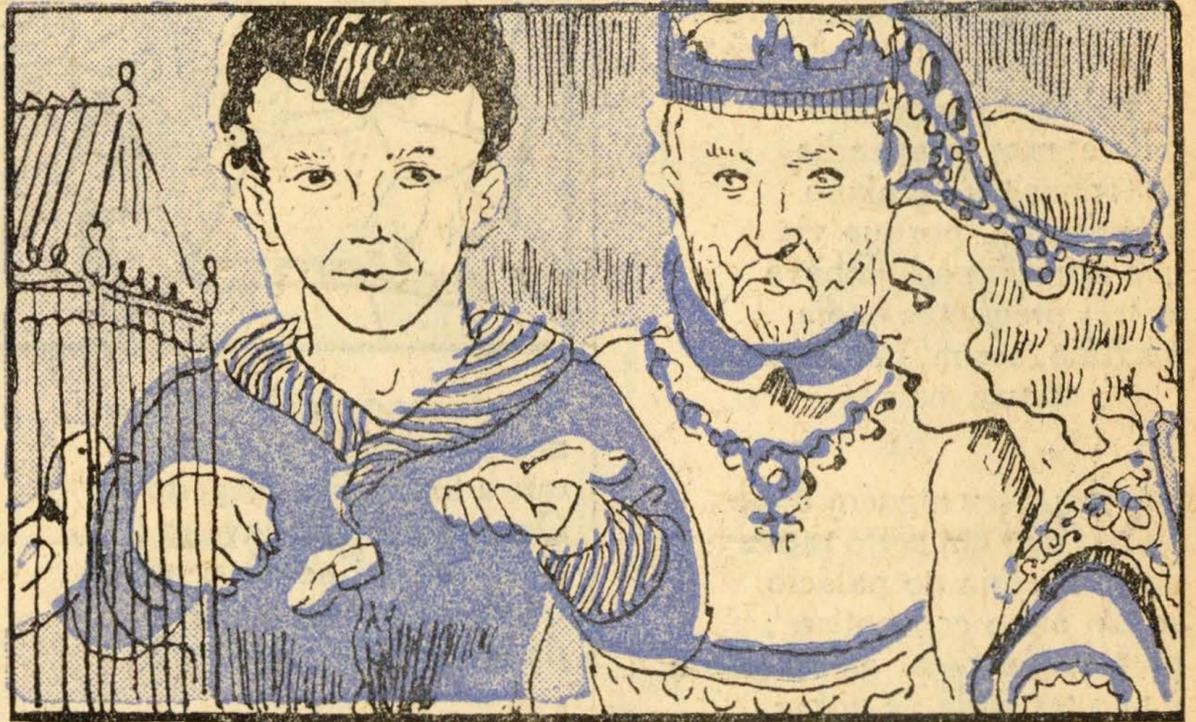
Por MARIA DOS MILAGRES

Quando atingiu vinte e um anos, a princezinha Isabel, filha de el-rei D. Leonel, — que era, entre os soberanos de então, o mais poderoso, — acharam os conselheiros que tinha chegado a hora de se lhe arranjar um espôso; E logo o rei, sem demora, mandou vários mensageiros pelo país, proclamar que a princêsa ía casar e que assim se apresentasse na côrte, todo o nobre que aspirasse a ser príncipe-consorte,

Mas... casamento obrigado, não era muito do agrado da princezinha Isabel, que ao saber tudo, ficou pior que uma baratinha! Furiosa, barafustou, fez até um aranzel, de queixas e de lamúria, mas, por fim, compreendeu que, afinal, tamanha fúria de nada lhe serviria, pois devia obedecer... E para si resolveu usar de velhacaria e astúcia de mulher,



Pensou, tornou a pensar, no que havia de inventar que a livrasse do obrigatório enlace



e acabou por descobrir uma maneira eficaz... Correu, logo, a D. Leonel e disse-lhe assim:—Meu pai, só me caso com aquêle que provar bem ser capaz de ter tanta inteligência e ciência, como vós tendes, e der a três simples perguntinhas que farei, a mais sensata resposta... Ouvindo isto, disse o rei que era muito presumido: — E' justa a tua proposta, minha filha. Na verdade deves querer, por marido, alguém que em sagacidade iguale teu nobre pai. E agora, dize-me as tais perguntinhas de algibeira...

— Qu'rido pai, por certo vai achá-las simples de mais tão grande é sua esperteza... responde humilde a princêsa.
— Oiça-as então. A primeira:

Que falta à minha gaiola tôda de ouro e de rubís, que torne a inocente rôla, que aí guardo prisioneira, completamente feliz?
Segunda: qual é o objecto que em si reúna completo

o símbolo de um futuro que seja o de tôda a gente? A terceira, é bem seguro, parece assim de repente ter grande complicação, mas para vós, pai, será, de bem fácil solução. E' assim, ora oiça lá: Qual é o meu pensamento, agora, neste momento?

D. Leonel, que a nenhuma das perguntas soubera encontrar resposta, — quanto mais a tôdas juntas! — sentindo que estava posta em jôgo, tôda a sua fama de inteligente, exclama: com ar de superioridade: — Sim, minha filha, não mentes; é grande a simplicidade das três perguntas que fazes! Todos os teus pretendentes são capazes de responder-lhes, como eu... Nesta altura, D. Leonel, muito aflito, emudeceu e a princezinha Isabel que escolhera, por cautela, perguntas às quais nem ela, saberia responder, julgou, num contentamento, escapar ao casamento!

Muitos fidalgos vieram ao palácio, na certeza

de esposarem a princesa
mas nenhum soube encontrar
respostas adequadas
às três preguntinhas dadas
e todos êles disseram,
muito aflitos,
que era impossível achar
solução
para enigmas tão esquisitos!

O pobre do soberano
mil vezes se arrependia
de ter aceitado o plano
da princesa, porque via
que ninguém adivinhava
as três perguntas fatais
e a filha, assim, não casava
nunca mais!

Ora uma vez alguém disse
ao rei, que um certo rapaz
do povo, iria ao palácio
se êle nisso consentisse;
pois que, a-pesar-de ser pobre
e não ter nada de nobre,
afirmava ser capaz
de encontrar as três respostas
às tais perguntas propostas.
Logo o rei mandou, ansioso,
que o jôvem viesse ao paço
resolver sem embaraço
os enigmas da princesa,
a qual, num ar orgulhoso
lhe disse logo a primeira
e juntou:

— Se não és um gabarola,
responde depressa e bem.

— Olhem que dificuldade!
disse o rapaz com desdém.

— Não sabeis, pois, princezinha,
o que falta na gaiola
para que a pobre avezinha
tenha inteira felicidade?
Isto só: a porta aberta!
e ante o espanto da princesa,
que o olhava boquiaberta,
o rapaz deixou fugir
a pobre rolinha prêsa,
finalmente satisfeita!
Logo D. Leonel, inchado,
disse depressa: — E' perfeita
a resposta. Também eu
assim a tinha pensado.
Um pouco aflita, a princesa
fez a segunda pergunta.

Diz o rapaz: — Esta, alteza,
inda é menos complicada
do que a outra — e logo junta
ao dito uma gargalhada.
Qual a coisa qual é ela



que de modo mais perfeito
nos patenteia um futuro
que a todos diga respeito?
Ora essa! é uma caveira!
Pois não define ela a morte,
o fim mais certo e seguro
da humanidade inteira?

Tentando fazer-se forte,
a princezinha sorriu
e, constrangida, anuiu
a raciocínio tão claro
e fingindo espanto, o rei
exclama: — Mas, caso raro...
a solução é igual
àquela que eu mesmo achei!
Vejamos, agora, filha,
a preguntinha final.
Se êle acerta, é maravilha!
casarás,
pois a-pesar-de plebéu,
decerto concordarás
que é tão sábio como eu!

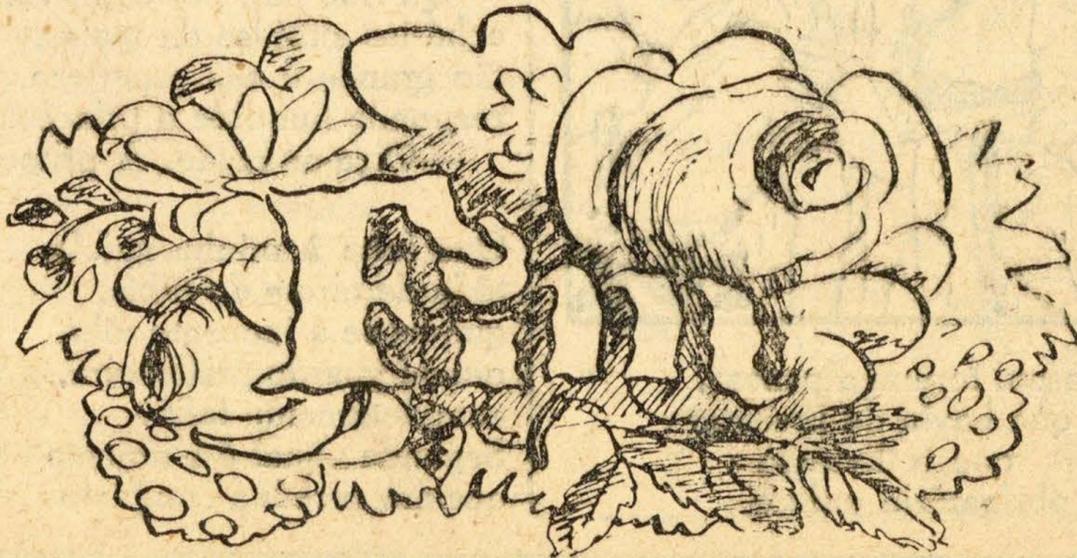
Disse o rapaz, ao ouvir
a pergunta que faltava
na qual a jôvem princesa
confiava
para, enfim, o confundir:
— Princesa, por certo estais

pensando, mui bem disposta,
em negar quanto vos diga
p'ra que eu assim não consiga,
nunca mais,
atinar com a resposta...
Declaro-me pois vencido.

Logo a princesa exultando
e crendo, enfim, ter obtido
o triunfo, lhe volveu:
— Acho bem. Vês que perdeste?
Pateta! Porque quiseste
ser mais esperto do que eu?

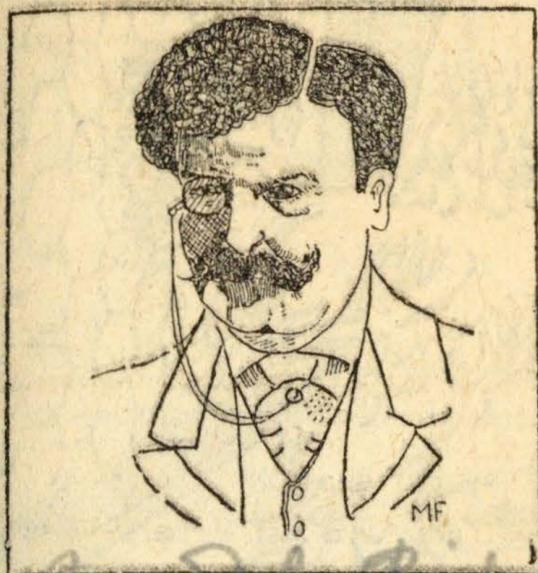
— Mas é que eu sou-o, princesa!
torna o rapaz triunfante.
— Vós mesma, sem reparar,
acabais de me provar
nêste instante,
que afinal o que vos disse
era o próprio pensamento
que tínheis nesse momento!

Julgava a nossa matreira
que ficaria solteira
tôda a vida
mas afinal foi vencida!
Não lhe tocou a vitória!
Casou, foi muito feliz,
— e agora, acabou-se a história!



CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



42

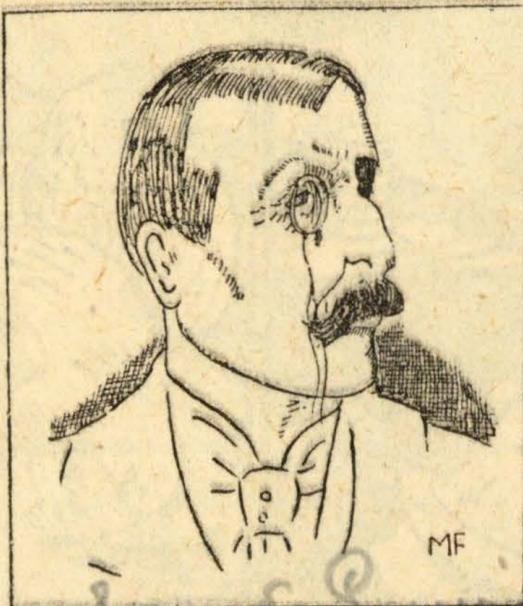
Ora aqui temos um homem
Que tardava já em vir,
Foi um Génio — com G grande —
Que fez tôda a gente rir.

Famoso desenhador,
Desenhava de maneira
Que, vendo o que êle fazia,
Ria a gente a vida inteira.

Fez jornais — «Pontos nos ii»
«Paródia» «António Maria» —
Todo aquele que os folheava
Ria, ria, ria, ria.

As maravilhas das Caldas
Tôdas só prodígios são.
E o famoso «Zé Povinho»?
Que estupenda criação!

Grande caricaturista,
Fôste de-certo o primeiro,
Pois ninguém mais igualou



43

Sôbre a nudez da verdade,
O manto da fantasia!
Assim o Primo Basílio,
Os Maias — quem os faria? —

E todos os outros livros
Que o seu génio concebeu,
Não são mais do que verdades
Que êle em romance meteu.

Se não agradam a todos
E' porque a verdade é crúa.
Porém, as suas figuras
Inda hoje as vemos na rua.

Romancista em tudo ilustre,
Suas obras são sem par,
A sua Cidade e as Serras
Nunca deixam de encantar.

E' nome que não se esquece,
Que vive dentro de nós.
Escritor sempre lembrado
Será.



44

Agora não é um poeta,
Político ou romancista.
E' personagem dif'rente,
Mas é também um artista.

E' um dêsses homens raros
Cheios de divinos dons,
Que põem coisas humanas
Na doce língua dos sons.

E' um músico genial.
Sua ópera «Serrana»
E' quadro que lembra os céus
E esta terra lusitana.

Um dia pensando nesta
Terra cheia de beleza,
De prodígios e de heróis
Escreveu a «PORTUGUESA.»

E se é preciso que a obra
A seu autor se assemelhe,
Eis a prova incontestavel
Dêste artista: —

ESPERTEZA INFANTIL

(Continuado da página 7)

«Vê, pois, que não me enganei...
O «vôvô» não acredita
Que eu de quási tudo sei,
Sendo assim tão pequenita!

Quero agora que me diga:
«Em que livro o passarinho
Aprendeu esta cantiga
Que êle canta, aqui baixinho?»

— «Eu não sei... não sei dizer!...»
— Então, diga-nos, também:
«E' a cantar ou gemer,
Que aquêl'outro está, além?»

— «Não sei... não sei, maluqui-
nha?»

— «Responda-me, então, ainda:
«Em que pensa a bonequinha
Que se está ríndo... — tão linda?!»

— «Ai! que não mais adivi-
nho!...»

Volve então Milú zangada:

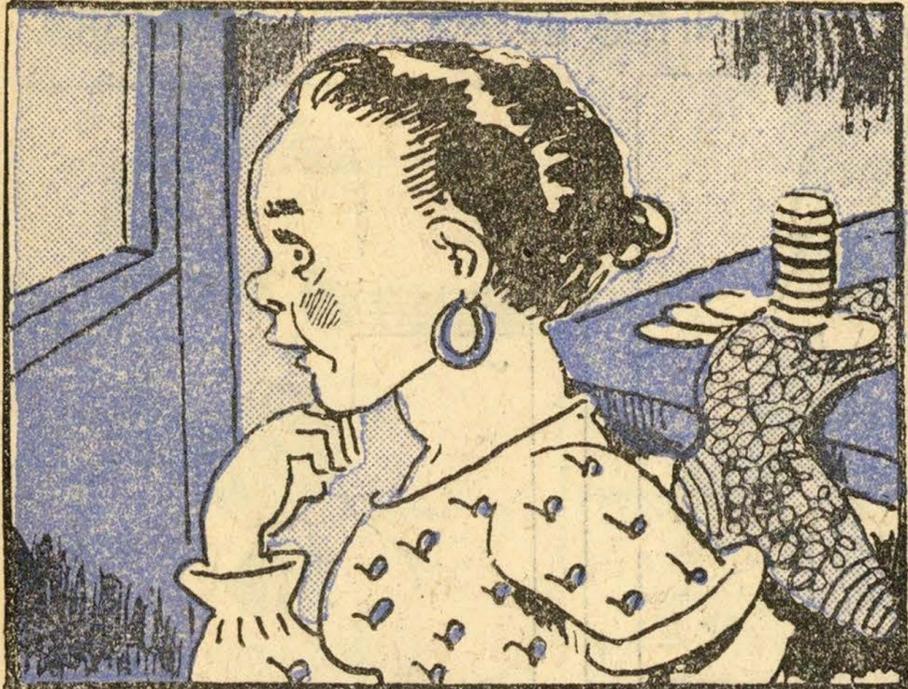
— «Dizem que é sábio o «avôzi-
nho»

Mas não me responde a nada?!»

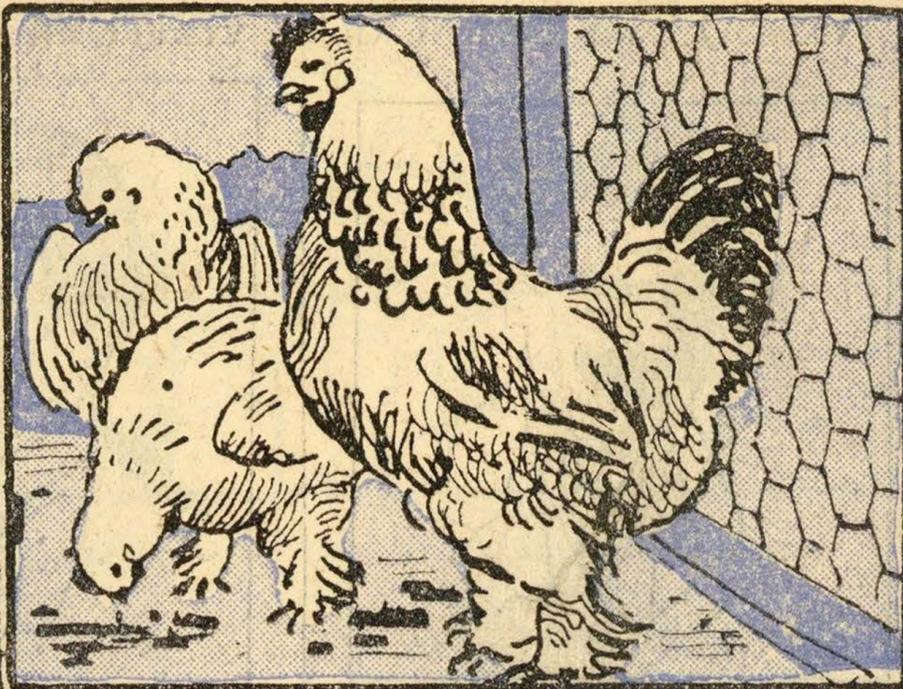
F I M

A MELHOR DEFESA

POR
ARGENTINITA



A Ti Rosinha do Eirado
Tinha fama em sua aldeia.
De possuir, bem guardado,
Redondinho pé de mela.

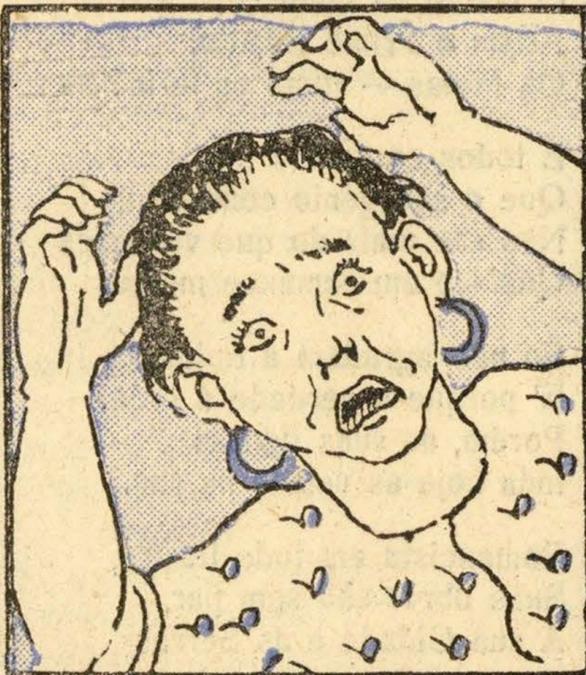


Porém, ao certo, só tinha,
Num pequeno quintalório,
Muita senhora galinha
E um galito, assás «finório».

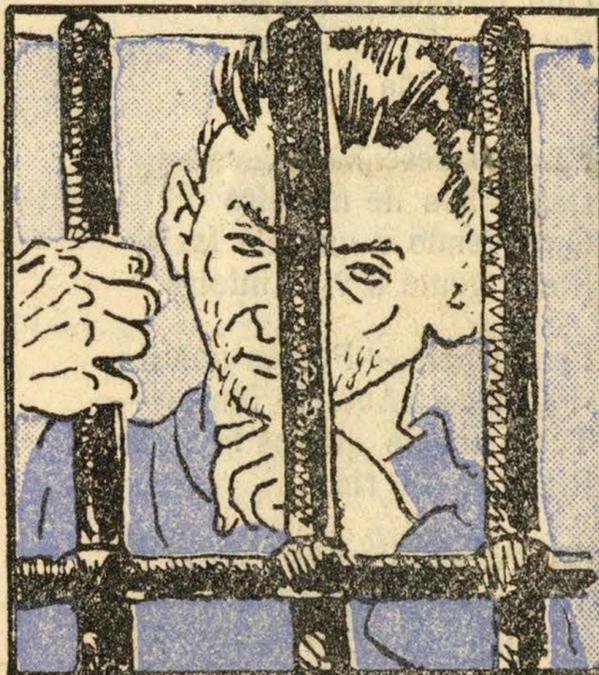
Mas numa noite fatal,
Um gatuno, nada tonto,
Entrou no dito quintal
E roubou tudo, num pronto...



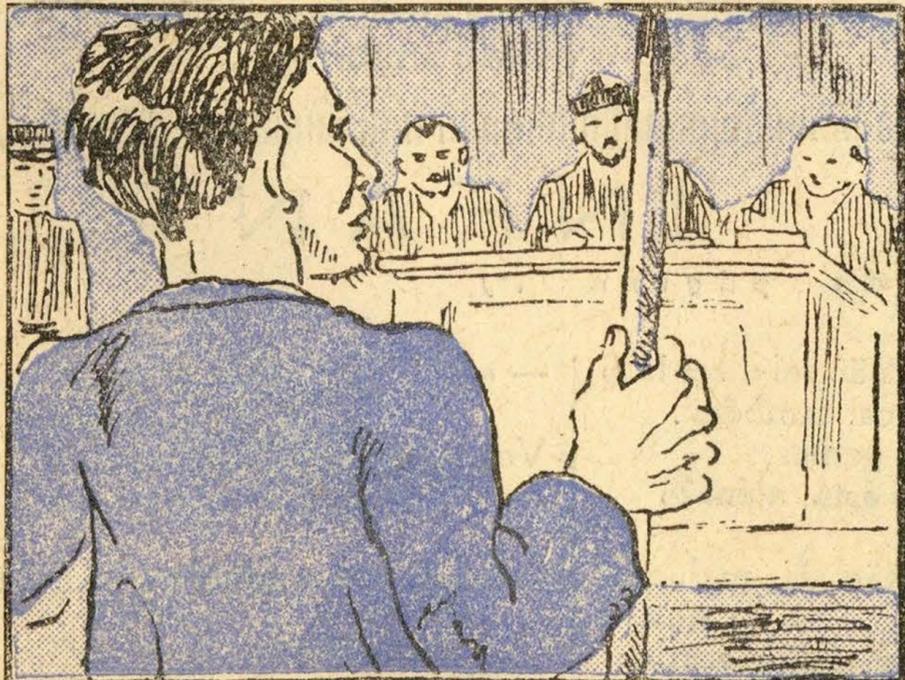
Ao dar por tal, ti Rosinha,
Teve um chilique — que horrôr! —
E por pouco, coitadinha,
Não foi desta p'ra melhor!



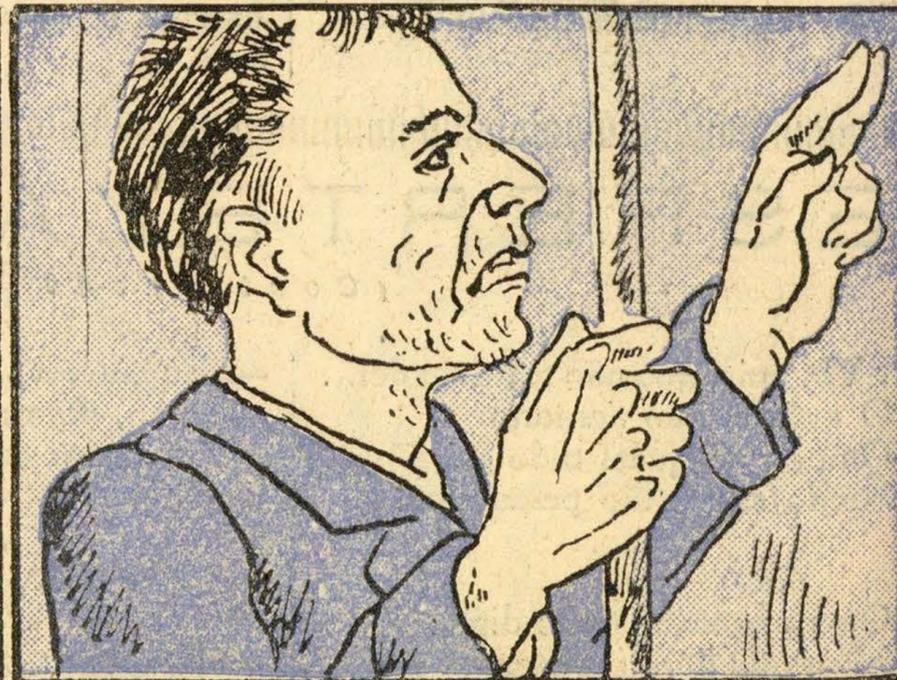
Entanto, foi apanhado
O autor de tão feia acção,
E, sem demora, encerrado
Na mais escura prisão!



Num dia de sol ameno,
— Do bom sol de Portugal! —
Um guarda, forte e sereno,
Leva-o para o Tribunal.



O povo ficou sem fala,
— Mudo como um carapau! —
Vendo o reu entrar na sala,
Munido dum varapau.



— «Para que traz o eacête?» —
Diz-lhe o juiz com clemência;
Responde êle, em tom falsete:
— «Por ordem de Vocelência!...»

Mas vendo o juiz pasmado,
Ajunta com subtileza:
— «Não me tinha aconselhado»
A que trouxesse a defesa?...»